O desenvolvimento da resiliência pelas adversidades da escola

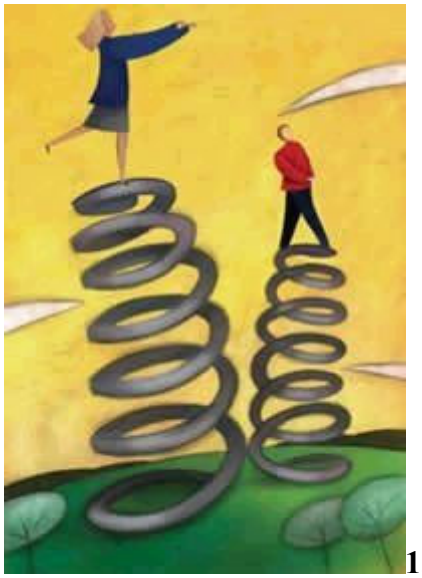
Cláudio Pellini Vargas*

Resumo: Este texto tem por finalidade, partindo de uma revisão bibliográfica, refletir sobre o possível desenvolvimento da resiliência na escola. Utiliza conceitos oriundos do Desenvolvimento Humano, enfatizando que as adversidades do ambiente escolar podem servir como um treinamento para o aparecimento da resiliência nos alunos.

Palavras-chave: enfrentamento, ambiente escolar, adolescentes, professor

Abstract: The aim of this text is to think about the resilience development in adolescents inside the school. It relates concepts from Human Development emphasizing that adversities from school environment can contribute to the appearance of this attribute.

Keywords: to confront, school environment, adolescents, teacher



1. Conceituando e contextualizando a resiliência

É fácil notar, nos dias contemporâneos, que a adolescência é um período de constante mudança, muita transição e instabilidade. Nessa fase da vida interagem, com forte intensidade, no indivíduo, aspectos físicos, cognitivos, sexuais, sociais, emocionais etc. Este momento é marcado por uma reorganização emocional com volubilidade, que pode promover no indivíduo a aquisição de valores, habilidades e competências, bem como fixar alguns já desenvolvidos na infância.

Essa concepção da adolescência como um período de muita tensão persiste na sociedade atual, principalmente entre os próprios jovens. Mudanças morfológicas, novos ambientes sociais, relacionamentos, pressões das instituições etc, são estímulos inevitáveis, mas que, mal absorvidos, podem comprometer o desenvolvimento integral e salutar juvenil. Contudo, a concepção estressante dessa fase parece mitigar, na medida em que reconhecemos que esse momento da vida é rico em experiências variadas, alegrias e satisfações.

Neste contexto, a escola surge como um local determinante, promovedor de emoções positivas e negativas aos jovens. Assim, para melhor entendermos a adolescência e suas vicissitudes escolares, parece ser oportuna a compreensão da resiliência. Segundo Yunes (2006, p. 49) "o estudo do fenômeno da resiliência é relativamente recente. Vem sendo

pesquisado há cerca de trinta anos, mas apenas nos últimos cinco anos os encontros internacionais têm trazido este constructo para discussão". A expansão de seu conceito ainda mostra-se reduzida ao contexto acadêmico e científico, sendo que, neste cenário, seu estudo também não se apresenta consolidado. Continua a autora (idem, p.47), afirmando que

> seu uso no Brasil ainda se restringe a um grupo bastante limitado de pesquisadores de alguns círculos acadêmicos. Muitos profissionais da área da psicologia, da sociologia ou da educação nunca tiveram contato com a palavra e desconhecem seu uso formal ou informal, bem como sua aplicação em quaisquer das áreas da ciência.

Etimologicamente, a palavra origina-se do latim *resiliens*, que significa voltar, recuar, romper, encolher-se, entre outros. Não obstante, o termo toma outro sentido na abordagem inglesa e assume dois significados. Um deles relaciona-se com a física e significa a habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida; o outro diz respeito ao indivíduo que possui a habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças (YUNES, citada por POLETTO; KOLLER, 2006).

Aplicado às Ciências Humanas, mais especificamente às áreas da Psicologia e/ou Educação, o conceito evoluiu e adquiriu características que parecem permitir avaliar indivíduos de acordo com suas possibilidades de enfrentamento de adversidades. Existem duas gerações de pesquisadores sobre o tema. A primeira teve interesse em descobrir os fatores protetores que estão na base da adaptação positiva em crianças que vivem em condições de adversidade. A segunda expandiu o tema em dois aspectos: a noção de processo, que implica a dinâmica de fatores de risco e de resiliência, permitindo ao indivíduo superar a adversidade, bem como buscar modelos para promover a resiliência de forma efetiva. Existe ainda uma geração mais recente que se apóia no modelo ecológico-transacional de resiliência, com base no modelo ecológico de Bronfenbrenner (INFANTE, 2005). A autora traz uma definição de resiliência como adaptação positiva e distingue três componentes: (a) a noção de adversidade, que pode designar uma constelação de muitos fatores de risco ou situações de vida específicas; (b) a adaptação positiva ou superação da adversidade, que identifica se houve um processo de resiliência quando o indivíduo alcança expectativas sociais associadas a uma etapa de desenvolvimento ou quando não houve sinais de desajuste; e (c) a noção de processo, que permite entender a adaptação resiliente em função da interação dinâmica entre múltiplos fatores de risco e de resiliência.

Destacamos ainda, um conceito fundamental para se abordar o assunto no contexto escolar. Grotberg (2005, p.15), pioneira na noção dinâmica de resiliência, define-a como "a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade". Percebemos que o significado de resiliência e sua definição têm sido objetos de debates durante anos. Todavia, parece haver consenso sobre a possibilidade de adaptação positiva em meios adversos e com riscos significativos.

Tais significados representam uma nova forma de lidar com as dificuldades dos indivíduos, causando-nos uma sensação de que o conceito de resiliência desafia

paradigmas quanto à forma de enfocar os problemas enfrentados. A proposta da resiliência parece enfatizar como as pessoas podem seguir em frente, sem muita valorização da própria adversidade. É um convite a se considerar o indivíduo como alguém realmente único. Assim, a resiliência delineia a combinação de fatores que permitem a um ser humano superar os problemas da vida e construir sobre eles.

Refletindo à luz de autores como Melillo, Ojeda, Grotberg, entre outros especialistas em resiliência no Brasil e no mundo, pretendemos, com este artigo, reiterar a importância do conceito na educação. Apresentaremos o ambiente escolar como promotor de tal habilidade psicológica, com o apoio da noção de desenvolvimento humano de Papalia, Olds e Feldman.

2. A resiliência na escola

Analisar a resiliência especificamente no desenvolvimento infanto-juvenil revela-se importante, pois existem fatores de proteção que podem reduzir o impacto do estresse na infância, ajudando a prognosticar resultados positivos. Segundo Papalia et al (2006, p.430), "crianças resilientes são aquelas que resistem a situações adversas, funcionam bem a despeito de desafios ou de ameaças ou recuperam-se de eventos traumáticos que teriam impacto altamente negativo no desenvolvimento emocional da maioria das crianças". Alguns estudos demonstram existir características específicas para crianças e adolescentes com personalidades resilientes desenvolvidas. Dentre elas destacamos: bom funcionamento intelectual, auto-estima, talentos, fé, relacionamento próximo com figura parental carinhosa, criação respeitável, laços com adultos pró-sociais fora da família, etc.

Baseados em tais afirmações, entendemos que a resiliência é uma excelente defesa psicológica contra as agressões impostas pela sociedade contemporânea. Santos (citada por MELILLO, 2005, p.92) esclarece que

> os problemas da sociedade atual dificultam e impedem a satisfação das necessidades básicas e colocam o sujeito, com freqüência, em situações de deterioração e isolamento, com a sensação de impotência para enfrentá-los e tentar resolvê-los. A sociedade é percebida como um lugar cada vez mais inóspito, o "outro" pode ser visto como um inimigo potencial e os laços de desconfiança se instalam nas relações sociais (...).

O mundo contemporâneo incita-nos constantemente à competição. Discutem-se as condições de um indivíduo por meio das suas aprovações em avaliações ou sua capacidade de produção. As lutas pela sobrevivência nesse contexto, em nosso entendimento, são grandes adversidades a serem superadas. A resiliência pode então funcionar, nesses casos, como um auxílio no enfrentamento ou como uma defesa psíquica, principalmente nos casos de fracasso. Um indivíduo com alto nível dessa habilidade parece ser mais capaz de erguer-se psicológica e emocionalmente após resultados de insucesso que, costumeiramente, verificamos ocorrer.

Ao mesmo tempo em que acreditamos na resiliência como uma defesa, entendemos que não se deve confundi-la com insensibilidade ou conformismo ou, ainda, com resignação. A resiliência é mais ampla, e propõe uma situação de positividade, ou melhor, de fortalecimento após a luta, o sofrimento e o desgaste. Ela instiga o ser humano a ser mais capaz, a elevar sua auto-estima, podendo, dessa forma, contagiar o grupo e a sociedade nos quais se insere.

No contexto escolar, percebemos que o adolescente tem condições para realizar uma avaliação sobre si mesmo e sobre o mundo no qual está inserido. Observa-se facilmente, dentro da escola, o grande número de jovens questionadores. Professores, por vezes, demonstram surpresa com determinados comportamentos que a juventude contemporânea apresenta. A rebeldia infanto-juvenil pode, inclusive, significar uma vontade de mudança nos papéis aprendidos anteriormente, o que demonstra a visão crítica que o jovem pode ter sobre si mesmo. Na adolescência, o indivíduo já conta com o pensamento formal que lhe permite refletir, analisar e tirar suas próprias conclusões. Por tudo isso, esta é um etapa oportuna para fortalecer o desenvolvimento e acentuar habilidades psicológicas.

Estudar as relações entre adolescência, educação e o conceito de resiliência mostra-se, então, importante e significativo. A adolescência é uma etapa de transformações, contínua mudança e rápido desenvolvimento, durante a qual se adquirem novas capacidades. Dias, Cruz e Danish (2001, p. 158) acrescentam que "a adolescência é a altura mais apropriada para ensinar competências de vida". Os adolescentes enfrentam complexos conjuntos de novos papéis e, simultaneamente, precisam rejeitar ou modificar papéis já adquiridos.

Argumentamos ser oportuno utilizar o ambiente escolar para estimular o desenvolvimento da resiliência, bem como para promover a saúde em crianças e adolescentes. De acordo com Benard (citado por MELILLO; OJEDA, 2005), pesquisas mostram que as escolas que estabelecem altas expectativas para todos os seus alunos e as que lhes oferecem apoio para alcançá-las – sendo esse apoio entendido como um fator de resiliência – são as que têm altos índices de sucesso na tarefa pedagógica. Tais escolas também melhoram os índices de comportamento problemático como o abandono dos estudos, o uso de drogas e a gravidez precoce.

Brunelle-Joiner (citado por PEREIRA, 2001) esclarece que pesquisas realizadas na Universidade da Flórida comprovam que os estudantes com características de resiliência progridem com mais facilidade nos seus estudos acadêmicos. Tais argumentos ressaltam a importância do papel da instituição escolar na promoção da resiliência e, conseqüentemente, da saúde dos estudantes, pois essa habilidade parece mostrar-se como um elemento de conservação da estrutura psíquica do sujeito.

Gonzalez Rey (1997, p. 275-288) acrescenta, em relação à possibilidade da escola atuar como instituição promotora de saúde, que:

> uma das instituições comprometidas com a promoção de saúde é a própria escola, considerando a promoção não apenas como a abertura de um conjunto de possibilidades de receitas saudáveis para o desenvolvimento da saúde, mas também como a reorganização dos sistemas de comunicação na instituição, de tal forma que o aluno se insira em sistemas de diálogo que favoreçam sua legitimação e bem estar. Promover saúde é antes de tudo educar um modo de vida diferente, no qual as atividades desenvolvidas pelo sujeito estejam comprometidas com seu desenvolvimento e bem estar.

Tais pontos de vista – e aqui nos referimos, mais especificamente, à inserção em sistemas de diálogo proposta pelo autor – referem-se à qualidade da socialização no ambiente escolar. Isso nos sugere reflexões acerca

da socialização do adolescente e do aprendizado de habilidades e/ou competências para resolução de conflitos. É importante ensinar certas competências aos adolescentes, de forma que possam exercer mais controle e equilíbrio em sua vida. Esse entendimento, contudo, gera novas dúvidas a respeito do ensino da resiliência por meio das adversidades escolares. Os alunos saberiam transferir as próprias avaliações do sucesso e/ou fracasso vivenciados no enfrentamento de uma adversidade mais simples, no caso da escola, para um enfrentamento mais complexo, seja ainda na própria escola ou até mesmo em sua vida adulta?

Observamos que intervenções que só mostrem os perigos – adversidades – não são suficientes e podem ser ignoradas. Entendemos que o adolescente necessita ser apoiado em seu processo de percepção. Parece ser necessária uma intervenção direta do professor na transferência dos ambientes, isto é, o educador precisa apoiar o aluno em seu sucesso e discutir com ele o fracasso, mostrando que é possível aprender com a experiência. A intenção é um melhor enfrentamento em outras situações adversas diferentes e em outros ambientes, na escola ou na vida. A resiliência é adquirida pela educação e pela experiência das dificuldades ultrapassadas, desenvolvendo-se a partir das relações que a criança estabelece com o meio (PEREIRA, 2001).

Face ao exposto, o papel do professor é fundamental. Nossa prática docente no contexto escolar do Ensino Fundamental e Médio de nossa escola nos mostra que as relações de amizade e confiança entre educador e educando, quando preservadas, podem ser de grande valia para o desenvolvimento do aluno. Com base neste posicionamento, entendemos que o processo de educação e motivação dos adolescentes liga-se, diretamente, à confiança atribuída ao mestre.

Dessa forma, torna-se mais importante a figura desse profissional na mediação das relações que as crianças e os adolescentes estabelecem com o mundo e com os outros. Nesse sentido, recorremos às contribuições de Vygotsky. O aprendizado humano carrega uma essência social e histórica específica, em um processo por meio do qual as crianças parecem adentrar na vida daqueles que a cercam. Segundo Oliveira (1995, p.57), estudiosa da obra de Vygotsky,

> o aprendizado é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores etc. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (...) Em Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócio-históricos, a idéia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo (...) O ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial ao seu desenvolvimento.

Vemos aqui a relevância dos mediadores da aprendizagem. A intervenção de outras pessoas – que, no caso da escola, são os professores e/ou as demais crianças – mostra-se fundamental para o bom desenvolvimento do indivíduo. Entendemos que a função do professor transcende a simples transmissão de conhecimento. Na condição de educador, deve buscar auxiliar a criança para a vida, contribuindo, por esse meio, para questões mais amplas, auxiliando-a na construção da própria identidade. O educador contribui para a realização dos estudantes como seres humanos, preparando-os para superarem os desafios apresentados pela vida. Isso consiste em colaborar com os processos do desenvolvimento psicológico do aluno e

exigir atenção, concentração e coragem frente às crises surgidas. O professor deve utilizar-se do contexto escolar para o desenvolvimento de valores e competências no adolescente.

Contudo, compreender o que é necessário para que as competências se transfiram de um meio para outro, bem como sua adaptação no novo contexto, parece ser uma capacidade crítica individual, ou seja, uma outra habilidade que deve existir no indivíduo e que precisa ser ensinada. Se o objetivo do educador é ensinar valores por meio de adversidades escolares, faz-se necessário discutir como esses valores se transferem para outros ambientes ou outras situações. Percebemos, assim, que o professor tem papel destacado, no sentido de estabelecer diálogos acerca de tal transferência.

Consideramos, portanto, que esse profissional pode favorecer a promoção de fatores de resiliência em adolescentes na escola. Grotberg (2005) relaciona vários desses fatores, divididos em categorias e dentre elas destacamos duas: (1) "*eu tenho*" pessoas que me mostram, por meio de sua conduta, a maneira correta de proceder, pessoas que querem que eu aprenda a me desenvolver sozinho; e (2) "*eu posso*" encontrar alguém que me ajude quando necessito. Se o jovem tem um bom professor e pode sempre encontrá-lo, fica explícita a importância de seu papel.

Acreditamos que a comunicação das positivas experiências em aula e na escola se estabelece em diversos níveis. Entendemos que o professor e outros membros da escola podem e devem fazer com que o aluno acredite em sua total possibilidade de alcançar êxito. Em nosso cotidiano escolar, utilizamo-nos de tais métodos, isto é, incentivamos os jovens a perceberem suas potencialidades, suas habilidades, bem como suas fraquezas. Naturalmente, relações de sinceridade e autenticidade geram confiança entre indivíduos.

Assim – e diante de tais argumentos referentes às adversidades do contexto escolar como as constantes mudanças de ambientes, as novas amizades e inimizades em novas séries escolares, as dificuldades com relacionamentos afetivos, o namoro, as provas e avaliações, os resultados e notas, as interações com os professores ou outros membros da instituição, as práticas esportivas e corporais na Educação Física – reiteramos que a escola se apresenta como um ambiente favorável, senão excelente, para o desenvolvimento da resiliência.

3. Considerações finais

As adversidades estão inseridas na vida humana e as descobertas sobre resiliência parecem indicar caminhos para um desenvolvimento mais positivo diante dos enfrentamentos das dificuldades. Pelo fato de propor um estado de fortalecimento individual, de melhora após o embate, a resiliência pressupõe uma inovação em relação ao desenvolvimento humano. Um pensamento sobre quebra de paradigmas na abordagem dos problemas humanos, sem demasiado apego a limitações, desvios, bloqueios ou carências do indivíduo, mas sim atentando para as possibilidades de continuidade, de progressão, de promoção de saúde mental. A resiliência já se apresenta, no contexto escolar, como uma habilidade psicológica muito importante e que merece ser incentivada, sendo um processo de adaptação aplicável ao desenvolvimento em ambientes favoráveis ou adversos.

Tendo abordado a relevância da resiliência na escola, sugerimos a

expansão do estudo desse fenômeno para o contexto específico das disciplinas escolares. Acreditamos que, se incorporado à escola de forma apropriada, o conceito desta habilidade pode contribuir para a formação do adolescente, preparando-o para as muitas adversidades que, certamente, precisará enfrentar em sua vida futura.

Referências

DIAS, C.; CRUZ, J. F.; DANISH, S. O desporto como contexto para a aprendizagem e ensino de competências de vida: programas de intervenção para crianças e adolescentes**.** In: **Análise Psicológica**. Lisboa, v. 19, n. 01, p. 157-170, 2001. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt. Acesso em 20.06.2008.

GONZALEZ REY, F. Psicologia e saúde: desafios atuais**.** In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 10, n. 02, p. 275-288, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br. Acesso em 20.06. 2008.

GROTBERG, E. H. Introdução: novas Tendências em Resiliência. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. et al. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 15-22.

INFANTE, F. Resiliência como processo: uma revisão de literatura recente. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. et al. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 23-38.

MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. et al. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MELILLO, A. Resiliência e Educação. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. et al. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 87-101.

OLIVEIRA, M. K. D. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1995.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano** (8ª ed.). Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEREIRA, A. M. S. Resiliência, personalidade, *stress* e estratégias de *coping*. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 77-94.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: foco no indivíduo e na família. In: DELL' AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H.; YUNES, M. A. M. (Org.). **Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco a proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 45-68.

* **CLÁUDIO PELLINI VARGAS** é Pós-Graduado em Psicologia do Desenvolvimento Humano (UFJF/MG) e Mestrando em Educação (UCP/RJ).